

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTE E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS**

EXPLORANDO A CONSTRUÇÃO DA PEÇA TEATRAL “21:21”

Lucas Aciole silva

**Ouro Preto, MG
2024**

Lucas Aciole Silva

EXPLORANDO A CONTRUÇÃO DA PEÇA TEATRAL “21:21”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Cênicas.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Carlos Gomes

Ouro preto, MG
2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586e Silva, Lucas Aciole.
Explorando a construção da peça teatral "21:21". [manuscrito] / Lucas
Aciole Silva. - 2023.
19 f.: il.. (Série: não)

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Carlos Gomes.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Filosofia, Artes e Cultura. Graduação em Artes Cênicas .
ISBN: não.
ISSN: não.

1. Mônodas. 2. Parivartan. 3. Peça teatral 21:21. I. Gomes, Ricardo
Carlos. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 82-2

Bibliotecário(a) Responsável: Luciana De Oliveira - SIAPE: 1.937.800



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ARTES



FOLHA DE APROVAÇÃO

Lucas Aciole Silva

Explorando a construção da peça teatral "21:21"

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Cênicas

Aprovada em 22 de Fevereiro de 2024

Membros da banca

Prof. Dr. Ricardo Carlos Gomes - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Paulo Marcos Cardoso Maciel (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa. Dra. Aline Mendes de Oliveira (Universidade Federal de Ouro Preto)

Ricardo Carlos Gomes, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 05/05/2025



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Carlos Gomes, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/05/2025, às 18:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0904261** e o código CRC **2CD40D0D**.

RESUMO

Este artigo se propõe a analisar a peça teatral “21:21”, concentrando-se na abordagem da construção do espetáculo, com ênfase na estratégia de envolvimento do público como parte integrante da experiência. A trama da peça, centrada na personagem Ana, explora sua capacidade de fragmentação e busca pela reunificação. O cenário consiste em oito pequenos palcos conectados ao palco principal, estando o central interligado por corredores, iluminados por luzes de LED, cada um representando as memórias de uma parte fragmentada de Ana. A ausência da noção de tempo na apresentação adiciona complexidade à narrativa, convidando o público a uma imersão completa. A disposição dos espectadores entre os corredores promove uma proximidade física com o ator e a atriz, que permanecem visíveis durante toda a performance. Esta abordagem, ao contrário da tradicional separação palco-plateia, busca incorporar o público como parte ativa da narrativa. A análise visa entender como a estratégia de integração do público influencia na apreciação da obra, examinando como a quebra das convenções tradicionais pode afetar a relação entre a produção teatral e seu público, explorando a singularidade de cada indivíduo e como as experiências pessoais podem influenciar de maneira única suas reações e sensibilidades.

Palavras-chave: Parivartan, mônodas, peça teatral 21:21

ABSTRACT

This article aims to analyze the theatrical play "21:21," focusing on the analysis of the show's construction, with an emphasis on the strategy of integrating the audience as an integral part of the experience. The play's plot, centered around the character Ana, explores her capacity for fragmentation and the pursuit of reunification. The set consists of eight small stages connected to the central main stage by corridors, illuminated with LED lights, each representing the memories of a fragmented part of Ana. The absence of a sense of time in the presentation adds complexity to the narrative, inviting the audience to complete immersion. The arrangement of spectators among the corridors promotes physical closeness with the actor and the actress, who remain visible throughout the entire performance. This approach, unlike the traditional stage-audience separation, seeks to incorporate the audience as an active part of the narrative. The analysis aims to understand how the audience integration strategy influences the appreciation of the work, examining how the breaking of traditional conventions can affect the relationship between theatrical production and its audience. Exploring the uniqueness of each individual and how personal experiences can uniquely influence their reactions and sensitivities.

Keywords: Parivartan, monodas, theatrical play 21:21

AGRADECIMENTOS

Quero expressar minha profunda gratidão ao meu orientador, Professor Ricardo Carlos Gomes, por sua orientação sábia, paciência e apoio incansável ao longo deste percurso acadêmico. Suas contribuições foram cruciais para o desenvolvimento deste trabalho, e estou verdadeiramente grato por ter a oportunidade de aprender sob sua supervisão.

À minha família, especialmente aos meus pais, gostaria de dedicar um agradecimento especial. Seu apoio incondicional foi a âncora que me permitiu enfrentar os desafios e persistir neste caminho acadêmico. Vocês são minha fonte de inspiração constante, e este trabalho é dedicado a vocês.

Agradeço também aos meus amigos, que estiveram ao meu lado durante todo esse processo. Suas palavras de encorajamento, conselhos e momentos de descontração foram essenciais para manter o equilíbrio nesta jornada desafiadora.

À cidade de Ouro Preto, fonte constante de inspiração, agradeço por oferecer um ambiente propício ao aprendizado e à reflexão. As paisagens, a história e a atmosfera única desta cidade desempenharam um papel fundamental no enriquecimento do meu entendimento e na construção das ideias apresentadas neste trabalho.

Cada um de vocês contribuiu de maneira significativa para esta conquista, e por isso, expresso minha sincera gratidão.

Muito obrigado.

SUMÁRIO

1. Introdução	5
2. Metodologia	6
3. Mônodas e Atuação	7
3.1. Aspectos técnicos da atuação	11
4. Parivartan	13
5. Elementos visuais da encenação.....	15
5.1. Cenário	<u>16</u>
5.2. Figurino	17
6. Considerações Finais	18
7. Referências	19

1. Introdução

Este estudo tem como propósito investigar a palavra *Parivartan* e sua relevância intrínseca na peça teatral “21:21”. Além disso, abordará a presença e o impacto das mônadas cósmicas no desenvolvimento da trama, explorando como essas ideias filosóficas fundamentam e enriquecem o escopo da obra. Ao direcionar a atenção para as mônadas, o artigo busca compreender não apenas o significado literal da palavra *Parivartan*, mas também como esses conceitos influenciam a atuação cênica, a estrutura narrativa e a experiência do público ao assistir “21:21”. A análise proposta visa transcender a discussão sobre a veracidade das crenças, concentrando-se na contribuição dessas ideias para a criação artística e oferecendo uma perspectiva única sobre os desafios contemporâneos, integrando de maneira coesa os elementos filosóficos à trama da peça.

Em nosso percurso de auto exploração e desenvolvimento pessoal, deparamo-nos, frequentemente, com obras literárias que emergem como faróis, dissipando a obscuridade que permeia os intrincados caminhos de nossas existências. Dentre essas obras inspiradoras, destaca-se em minha trajetória o tratado *Parivartan: quando a alma modifica sua frequência*, de autoria de Prem Baba¹. Este escrito não apenas fomentou em mim um ardente anseio por autotransformação, mas igualmente serviu de alicerce inspirativo para a concepção de uma obra artística.

O escopo deste artigo almeja aprofundar a compreensão acerca de como a palavra *Parivartan*, traduzida do idioma sânscrito como “Transformação”, solidifica-se como peça central na busca introspectiva, tanto em termos pessoais quanto como um tributo à coletividade. A filosofia Sachcha², enraizada na tradição espiritual indiana, desempenha papel preponderante nessa trajetória. Esta vertente de investigação acerca do ser interior tem como epicentro o amor - amor incondicional, amor-próprio e amor por todas as coisas. A busca por esse amor profundo emerge como o propulsor-mor da metamorfose, uma jornada que transcende barreiras culturais e temporais.

¹ Prem Baba é um mestre espiritual brasileiro nascido em São Paulo em 1965. Seu nome verdadeiro é Janderson Fernandes de Oliveira. Ele começou a estudar Yoga ainda adolescente e tornou-se instrutor da arte milenar. Em 1998, viveu uma experiência espiritual que o levou a dedicar sua vida ao autoconhecimento e ao serviço aos outros. Wikipedia. Prem Baba. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sri_Prem_Baba. Acesso em: 24 de janeiro de 2024.

² A filosofia Sachcha é uma filosofia hindu que enfatiza a importância da verdade e da honestidade. Shankaracharya. Vivekachudamani. Traduzido por Swami Nikhilananda. Nova York: Ramakrishna-Vivekananda Center, 1979.

Ao percorrer esse caminho, constatamos que o amor surge como o vínculo universal que integra toda a humanidade. Ele se torna o catalisador que nos rumo à evolução, ao aprimoramento pessoal e à contribuição perante a sociedade. À medida que desvendamos as camadas semânticas de *Parivartan* e exploramos o amor como força propulsora subjacente a todas as transmutações que ocorrem em nossas vidas e na sociedade, propomos uma correlação dessas reflexões com a peça teatral “21:21”, incorporando a influência das mônadas e investigando sua interferência na atuação.

2. Metodologia

O Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Cênicas do DEART/IFAC/UFOP, intitulado “21:21”, foi desenvolvido de forma colaborativa, contando com a participação essencial de Dhu Rocha³, Stella Ferraz⁴ e Lucas Aciole. O processo teve início com reuniões exploratórias para a coleta e desenvolvimento de ideias, durante as quais foram delineadas as funções e contribuições individuais de cada membro.

Dhu Rocha desempenhou um papel crucial, assumindo a responsabilidade pela dramaturgia, que foi concebida de maneira coletiva, além de assumir a direção do espetáculo. Stella Ferraz e Lucas Aciole contribuíram como atriz e ator, trazendo vida às personagens e à narrativa elaborada.

Além disso, é relevante mencionar a participação de Kelly Magalhães⁵ como cenógrafa, responsável por criar o ambiente visual e espacial do espetáculo, enriquecendo a experiência estética. Júlia Siqueira⁶ desempenhou um papel importante como iluminadora, contribuindo para a atmosfera e a ambientação cênica.

Essa abordagem colaborativa, envolvendo diferentes especialidades dentro das artes cênicas, certamente enriqueceu a produção do espetáculo “21:21”, proporcionando uma experiência multidisciplinar e diversificada aos participantes e ao público.

³ Geraldo Magela Silva Rocha, em arte Dhu Rocha, é graduado em Artes Cênicas, pela Universidade Federal de Ouro Preto e Mestre em Artes Cênicas pelo PPGAC/UFOP.

⁴ Stella Cristine Ferraz Siqueira, em arte Stella Ferraz, é graduanda de Artes Cênicas, pela Universidade Federal de Ouro Preto. Desenvolveu uma abordagem específica sobre questões femininas, que será discutida em um artigo que está redigindo, como parte integrante de seu Trabalho de Conclusão de Curso.

⁵ Kelly Lorrayne Magalhães Tadim, em arte Kelly Magalhães, é graduada em Arquitetura pela Universidade Federal de Ouro Preto.

⁶ Júlia Antunes Romeiro Siqueira, em arte Júlia Siqueira, é graduanda em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto.



Durante as reuniões, as ideias foram se misturando organicamente, e a proposta de explorar o conceito de “mônadas cósmicas”, sugerido por Lucas Aciole, acabou emergindo como uma ideia incorporada ao processo criativo. À medida que a discussão se aprofundava, a ideia de mônada foi sendo adotada em conjunto com o conceito de *Parivartan*, ampliando a complexidade da narrativa. A discente Stella Ferraz contribuiu significativamente para essa discussão implementando suas ideias sobre mulheres.

3. Mônadas e Atuação

Iniciamos nossa exploração imersiva na construção cósmica delineada por Laercio Fonseca em *O Projeto Terra* (2014), onde as mônadas cósmicas emergem como protagonistas de uma narrativa intrincada. Ao focalizarmos a compreensão dessas entidades fundamentais, direcionamos nossa atenção para a complexidade narrativa encapsulada no intrigante, “21:21”. Para aprofundar essa análise, apresentamos as figuras 01 e 02 como dispositivos visuais transicionais, arquitetados por analogia para guiar-nos pelas distintas esferas da trama. Exploraremos, em seguida, a interação imagética e sua influência na dinâmica da narrativa, examinando como essas representações visuais potencializam a compreensão das complexidades cósmicas. É vital ressaltar que as mônadas desempenham um papel central nesta pesquisa, delineando a busca pela atuação sinérgica dos dois personagens principais, cuja junção se revela como um elemento crucial na trama. **Figura 01:** representação de uma mônada completa, um Ser íntegro e indivisível.

Fonte: *O projeto terra* (FONSECA, 2014).

Nesta fase inicial da narrativa de “21:21”, a figura um representa Ana como uma entidade completa, simbolizando a totalidade harmoniosa. Nesse estágio, Ana é apresentada como a personificação da unidade primordial, destacando-se não apenas como uma protagonista, mas como a própria essência dessa unidade. A mônada completa de Ana não só reflete sua individualidade, mas também sugere uma harmonia intrínseca e uma totalidade equilibrada.

Essa representação, exemplificada na figura um, é o ponto de partida para a análise mais profunda que se seguirá, centrada na ideia da separação que será discutida a seguir. Este estágio inicial da trama estabelece, de maneira didática, a noção fundamental da integridade da mônada, fornecendo uma base sólida para compreendermos a evolução subsequente da narrativa.

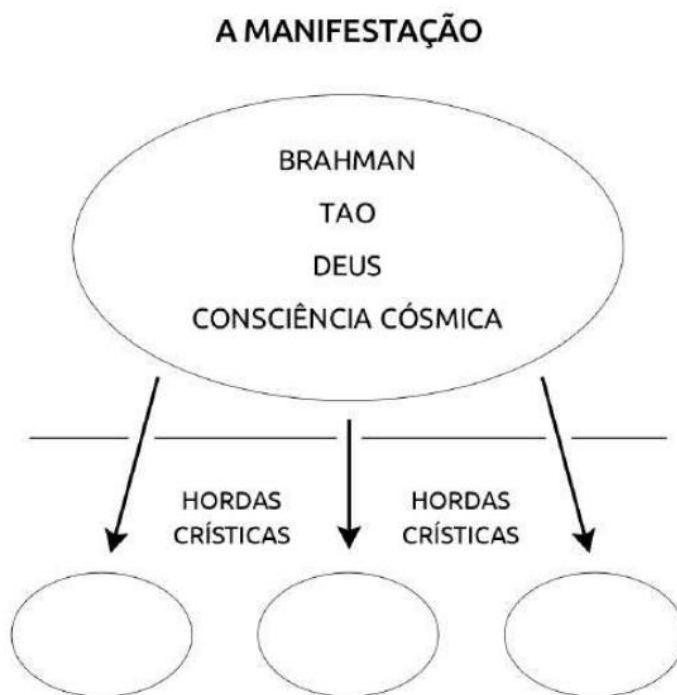


Figura 02: Processo de subdivisão da mônada.
Fonte: *O projeto terra* (FONSECA, 2014).

Na figura 2, testemunhamos um momento fundamental na trama de “21:21”: a representação visual da separação de Ana. Este processo de subdivisão da mônada indica a fragmentação da entidade inicial, onde elementos de Ana se desmembram, dando origem a diferentes aspectos ou personagens. Esse fenômeno pode ser interpretado como um desdobramento cósmico, onde a unidade original se ramifica em várias partes, cada uma com sua identidade única e trajetória.

A importância dessa subdivisão transcende o aspecto visual, pois marca o ponto de partida para a jornada dos personagens na peça “21:21”. Ao explorarmos os dois fragmentos iniciais, a sugestão de que Ana se divide em mais elementos implica na existência de outras partes a serem descobertas. Essa premissa se revela de maneira impactante durante a atuação da peça, quando o público descobre que também faz parte dessa unidade fragmentada.

Na figura 2, a decisão tomada na figura 1 é manifesta, diferenciando a personagem Ana. Essa separação, retratada como um “Big Bang” cósmico, é crucial na narrativa de “21:21”. A história da peça se desdobra como uma exploração de apenas duas dessas fragmentações, destacando a importância dessa ideia. Esta narrativa é vital, pois orienta a atuação dos personagens na busca pela reunificação dessa unidade fragmentada. O ator e a atriz, ao traçarem seus caminhos na peça, são desafiados a explorar como essas duas partes aparentemente separadas buscam se reconectar, proporcionando uma experiência teatral única e reflexiva para o público.

O ator e a atriz, ao encarnar seus respectivos fragmentos de Ana, devem infundir individualidade e singularidade em suas interpretações. Contudo, simultaneamente, eles são chamados a criar uma sutil sinergia que ecoa a ligação cósmica subjacente. É como se cada personagem fosse uma peça de um quebra-cabeça maior, cuja completude só é alcançada quando seus papéis individuais se entrelaçam de maneira harmoniosa.

Essa busca pela unidade na atuação se torna um elemento central da experiência teatral, desafiando o ator e a atriz a explorarem a complexidade dessa relação cósmica. As nuances na interpretação, os momentos de convergência e divergência entre os personagens, tudo contribui para a construção dessa narrativa multifacetada.

Partindo dessa ideia, Dhu Rocha inicia a elaboração da dramaturgia, um processo que demandará cerca de seis meses entre escrita e ensaios. Ao longo desse período, desvelamos progressivamente novas facetas dos dois fragmentos que compõem a narrativa. A importância da mônada revela-se crucial, não apenas como um conceito desprovido de religiosidade, mas como uma metáfora profunda da fragmentação. Assim, surgem questionamentos intrínsecos: o que teria levado Ana a se fragmentar? Após intensas discussões, considerando nossas vivências individuais e o cenário polarizado que continuamos a enfrentar, identificamos o *Burnout* como narrativa inicial que desencadeia a fragmentação de Ana. A síndrome Burnout é definida por Maslach e Jackson (1981) como uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com outros seres humanos, particularmente quando estes estão preocupados ou com problemas. Cuidar exige tensão emocional constante, atenção perene; grandes responsabilidades espreitam o profissional a cada gesto no trabalho. O trabalhador se envolve afetivamente com os seus clientes, se desgasta e, num extremo, desiste, não agüenta mais, entra em Burnout. (CODO; VASQUES-MENEZES, 2012, p. 3).

Na essência da peça “21:21”, descobrimos que Ana é um ser uno, uma unidade completa que se subdivide, e o “Big Bang” que ela sofreu foi resultado de um Burnout. O

desafio para o ator e a atriz é encarnar essa unidade com suas próprias características e vivências, mantendo a individualidade enquanto fazem parte dessa unidade. Surgem, então, as questões: como alcançar isso e quais caminhos de descoberta podemos seguir?

A representação da separação de Ana como um “Big Bang” cósmico destaca a magnitude desse evento na narrativa. O ator e a atriz precisam não apenas retratar a divisão física, mas também transmitir a intensidade emocional e intelectual desse momento crucial. Como podem equilibrar a grandiosidade desse “Big Bang” com a necessidade de manter a autenticidade nas representações das partes fragmentadas de Ana?

A complexidade da separação também levanta a questão fundamental de como o ator e a atriz abordam a dualidade emocional e racional que surge nesse processo. Cada fragmento de Ana carrega consigo diferentes aspectos dessas esferas, exigindo uma compreensão profunda e sensível por parte do ator e da atriz. Como eles exploram essas nuances para criar performances envolventes que capturam a complexidade dessas dualidades?

Além disso, a busca por unidade na atuação torna-se um desafio intrincado. O ator e a atriz precisam encontrar maneiras de conectar esses fragmentos de maneira coesa, criando uma narrativa fluida que ressoe com a essência de Ana como uma unidade completa. Como equilibram a necessidade de individualidade com a demanda de harmonia na representação desses fragmentos interligados?

Essas questões instigam o ator e a atriz a uma jornada de descoberta, tanto em relação aos seus personagens quanto à própria natureza da atuação. Enquanto exploram as nuances da separação, o ator e a atriz têm a oportunidade de aprofundar suas habilidades interpretativas, mergulhando nas complexidades do ser humano e desafiando-se a transmitir essa riqueza ao público.

Nesse contexto, a separação não é apenas um evento dramático na trama, mas uma oportunidade para o ator e a atriz explorarem a profundidade de suas habilidades e compreenderem a intrincada teia de emoções e pensamentos que acompanham a fragmentação de Ana. Essa jornada de descoberta, simultaneamente desafiadora e enriquecedora, contribui para a construção de uma experiência teatral envolvente e reflexiva para o público.

3.1. Aspectos técnicos da atuação

Aprofundando nossa compreensão das mônadas na vertente dramática de “21:21” e delineando perspectivas para os desdobramentos futuros, é imperativo contextualizar essa abordagem no âmbito teatral. É crucial ressaltar que, embora não estejamos a corroborar com a veracidade das mônadas cósmicas, adotamos esse conceito como alicerce sólido para a concepção do espetáculo teatral.

Neste novo patamar de discussão, iremos aprofundar nas questões técnicas de atuação, explorando como percorremos esse caminho intrincado que é a materialização das mônadas cósmicas no contexto teatral. A compreensão das mônadas não apenas guia a narrativa, mas também dita o ritmo e a dinâmica da atuação. Como o ator e a atriz traduzem a complexidade das mônadas em suas performances? Como as técnicas de interpretação são adaptadas para incorporar essa dimensão cósmica à experiência teatral? Vamos explorar agora os desafios técnicos que surgem ao criar um espetáculo onde a busca pela unidade, mesmo na multiplicidade de fragmentos, é o cerne da narrativa. Como cada ator consegue, através de técnicas específicas, transmitir a dualidade e a conexão intrínseca presente nas mônadas? Como a direção de arte e a cenografia contribuem para essa representação visualmente impactante? Essa jornada nos conduzirá pela interseção complexa entre a teoria das mônadas e a prática teatral, delineando como o entendimento dessas entidades cósmicas se manifesta no palco. Ao aprofundarmos nas questões técnicas, buscamos não apenas compreender, mas também vivenciar a integração fluida de elementos cósmicos no cenário teatral, proporcionando uma experiência única para atores e público.

Nesta etapa, ao discutir as buscas individuais pelos personagens em “21:21”, destaco que as abordagens foram distintas entre Stella Ferraz e eu. Portanto, pretendo compartilhar minha experiência pessoal em relação a esse processo e ilustrar como nosso diretor, Dhu Rocha, conseguiu direcionar nossos esforços rumo a uma unidade coesa, apesar das abordagens divergentes. Ao abordar os desafios encontrados durante esse processo individualizado, buscarei oferecer uma visão mais aprofundada sobre como a direção de Dhu Rocha se revelou fundamental na busca pela coesão e harmonia na representação das mônadas cósmicas no palco.

Em uma ideia ilustrativa, Antonio Candido (2007, p. 20) compartilha que personagens podem ser formados por pedaços de diferentes modelos vivos, sem um modelo se destacar muito, resultando em uma personalidade nova. Inspirado por essa ideia, comecei a explorar como seria uma pessoa que vive de maneira principalmente racional.

Utilizei características minhas para construir o personagem, buscando mesclar elementos da minha própria vida com a proposta racional que queria incorporar. Essa

combinação entre a visão do autor e minha vivência pessoal levou à criação de uma representação única e autêntica, onde a racionalidade se mistura com aspectos individuais.

Na busca pela construção do personagem, o processo inicial foi fortemente individualizado. Nesse estágio, a conscientização de que eu representava apenas uma fragmentação era crucial, e a partir dessa compreensão emergiam as características do personagem. Seria um ser racional e confuso, ou talvez um ser racional com uma certeza intrínseca. Essas nuances eram moldadas ao longo do processo, especialmente em interação com a evolução da dramaturgia.

É relevante destacar que a edificação do personagem na atuação não se deu de forma isolada, mas sim em paralelo ao desenvolvimento do texto. Elementos descobertos e experimentados durante o processo eram incorporados ao texto, e, de maneira recíproca, as descobertas textuais eram integradas ao corpo da atuação. Essa interdependência entre a construção do personagem e a evolução do texto contribuiu para uma representação mais orgânica e dinâmica, onde a experiência prática e a narrativa textual se entrelaçaram, enriquecendo mutuamente o resultado final.

No desdobramento desse processo, embora tenha iniciado de maneira individualizada na busca por características do personagem, tornou-se imperativo unir esse trabalho ao desenvolvimento de Stella Ferraz. Nesse ponto, confrontamo-nos com um desafio significativo: embora compartilhássemos uma base teórica, não éramos capazes de expressar essas ideias de maneira conjunta; o jogo teatral entre nós ainda não existia. Foi nesse contexto que Dhu Rocha propôs exercícios de interpretação livre e improvisação, nos envolvendo em uma única cena por mais de duas horas. Ao término desse processo, percebemos uma maior confiança para colaborar um com o outro, permitindo a Dhu Rocha começar a integrar nossos trabalhos individuais.

Vale ressaltar que esse processo seguiu uma dinâmica semelhante à evolução das mônadas, onde a individualidade inicial começava a se reunificar para possibilitar o desenvolvimento do trabalho conjunto. Nesse momento, descobrimos um ponto crucial de nossa prática: a palavra *Parivartan*, que será discutida em breve. Essa descoberta revelou-se essencial para a progressão do nosso trabalho, indicando não apenas uma transformação, mas uma mudança coletiva e interconectada em nossas abordagens individuais.

4. Parivartan

Em uma fala de Sri Prem Baba sobre seu novo livro *Parivartan: A transformação para uma nova consciência* (2022), ele compartilha suas primeiras impressões da palavra.

A primeira vez que ouvi a palavra *Parivartan* foi no ano 2000, quando, pela primeira vez, eu participei de uma cerimônia védica no Ashram do meu mestre espiritual em Rishikesh, na Índia. Ao final da cerimônia, eles evocavam essa palavra '*Parivartan*' que me chamou bastante a atenção. Eu não fazia a mínima ideia do que se tratava. O primeiro significado que eu memorizei da palavra foi 'transformação'. Mas não uma transformação qualquer, uma transformação profunda e radical. Uma transformação pessoal. Porque num primeiro momento, eu compreendi que a palavra evocava uma transformação pessoal. Porém, nos cerimoniais do Ashram, o que estava sendo evocado era uma transformação planetária. Transformação de um estado de percepção do mundo, de entendimento do mundo, uma transformação de consciência coletiva.

De acordo com o que foi mencionado, a palavra *Parivartan*, cujo significado remete à transformação, desempenha um papel crucial na filosofia da linha Sachcha. Essa abordagem valoriza profundamente a capacidade de transformação, tanto no âmbito pessoal quanto no coletivo, com ênfase na integração.

Na tradição Sachcha, a transformação pessoal é considerada não apenas como uma jornada individual, mas como um processo que se estende para além do eu, alcançando uma esfera coletiva. Essa abordagem visa transcender o individualismo, buscando uma integração mais ampla e profunda. Nesse contexto, a transformação não é apenas uma mudança superficial, mas sim uma evolução que ocorre em níveis espirituais mais profundos.

Essa concepção da transformação espiritual se entrelaça harmoniosamente com a ideia das mônadas. Assim como as mônadas representam unidades espirituais indivisíveis, a transformação proposta na linha Sachcha é uma jornada que parte do individualismo espiritual em direção à coletividade. É uma mudança de paradigma, uma alteração no estado de percepção do mundo, que reflete não apenas uma transformação pessoal, mas uma revolução na consciência coletiva.

Como mencionado no tópico anterior, a descoberta da palavra *Parivartan* surgiu como um fenômeno que ocorria enquanto o próprio trabalho estava em movimentação. Percebemos que estávamos em *Parivartan*, embora não tivéssemos nos dado conta, indicando que o jogo já estava em curso, mas não havíamos prestado atenção. Essa revelação foi significativa, proporcionando uma organização mais clara entre o ator e a atriz.

No contexto teatral, o ego é uma força motriz inerente, e a construção de personagens torna-se uma arte delicada que demanda equilíbrio. A proposta de *Parivartan* desafia a concepção preconcebida de que a excelência teatral está vinculada à competição entre atores. Em vez disso, ela propõe uma abordagem que transcende a busca individual por destaque. Dentro desse ambiente harmônico, o processo de construção de personagens adquire uma dimensão colaborativa, onde a interconexão entre os membros do elenco torna-se fundamental. Essa mudança de perspectiva proporciona não apenas uma dinâmica mais fluida no processo criativo, mas também fortalece a coesão do elenco como um todo.

Dhu Rocha, então, iniciou a proposição de trabalhar passagens de texto em cena, buscando explorar como um corpo interfere no outro. Nesse ponto, o conceito de *Parivartan* parecia ganhar mais força, ressaltando que, apesar de não haver dogmas religiosos, a essência dessa transformação estava presente. Gradualmente, começamos a perceber semelhanças no modo de andar, de agir, e, assim, uma atuação mais harmoniosa começou a se manifestar. Apesar de termos dois trabalhos distintos, passamos a trilhar o caminho da minimização das diferenças em cena, aproximando-nos da ideia de que éramos um único ator dividido em dois. Essa abordagem fortaleceu não apenas a coesão do trabalho conjunto, mas também contribuiu para uma representação mais unificada.

É crucial salientar que, durante os diálogos interativos, Dhu Rocha comunicou-nos sua intenção de observar e fundamentar seu trabalho no que denominamos “Teatrão”. Este modelo, enraizado nos princípios clássicos de Stanislavski⁷, serviu como uma base robusta e coesa para nossas explorações. Foi notável a habilidade de integrarmos ideias diversas, todas respaldadas por uma estrutura sólida.

Enquanto eu mergulhava nas nuances do *Parivartan*, Stella Ferraz liderava uma investigação paralela, concentrando-se na compreensão do feminino. Esse entrosamento de abordagens conferiu uma riqueza singular ao nosso processo, enriquecendo tanto a compreensão individual quanto a coletiva. O resultado dessa sinergia manifestou-se de maneira expressiva no palco, revelando a eficácia dessa abordagem multifacetada ancorada nas bases do “Teatrão”, que denotamos como a utilização fundamentada dos princípios de Stanislavski.

⁷ Não desenvolveremos neste artigo os detalhes e diferentes aspectos do Sistema de Stanislavski, que são amplamente conhecidos pelas pessoas que atuam no campo das artes cênicas. Cabe ressaltar que durante o processo de ensaios de “21:21” não pesquisamos a atuação stanislavskiana, mas utilizamos o conhecimento prático que adquirimos ao longo do curso de Artes Cênicas como essa “base robusta” que denominamos como “Teatrão”.

5. Elementos visuais da encenação

Nesta seção, destacamos o aspecto visual da encenação, mais especificamente o cenário e o figurino, como elementos fundamentais para a presentificação das ideias e conceitos trabalhados. É importante também ressaltar que esses elementos foram concebidos no processo de criação de “21:21” como completamente integrados ao trabalho de atuação.

5.1. Cenário

A concepção do cenário em “21:21” revela-se uma escolha intrínseca à narrativa, integrando-se harmoniosamente à temática das mônadas e do *Parivartan*. A disposição em oito círculos pequenos ligados ao círculo central por corredores e iluminados por luzes de LED evoca uma representação simbólica do universo e, ao mesmo tempo, traz uma dinâmica única à experiência do público.

A escolha de uma espiral, na qual o público ocupa os vãos dos corredores, é uma decisão deliberada para fomentar a ideia de continuidade e fluxo. Essa abordagem reflete diretamente o conceito de *Parivartan*, onde a transformação é um processo contínuo, sem interrupções. A ausência de coxias amplia a sensação de fluidez, mantendo o ator e a atriz em constante movimento, mesmo durante monólogos ou momentos de tensão.

O cenário, sendo uma representação da mônada, é concebido como um organismo vivo, onde os LEDs assumem um papel crucial ao trazer vida ao palco. Essa interatividade não apenas envolve os personagens, mas também incorpora o público como parte integral desse organismo em constante evolução. Os elementos do palco, portanto, não são meros acessórios, mas agentes ativos que reagem às narrativas em curso, transcendendo a barreira entre palco e plateia.

A decisão de transformar o palco em uma contação de histórias humanizadas, centradas em uma mulher com conflitos cotidianos, amplia a identificação do público com a trama. A separação do palco em memórias e vivências cria um espaço para explorar conflitos e analisá-los, enquanto todos os caminhos convergem para o palco central, reforçando a mensagem subliminar de reunificação e transformação. Os elementos do palco, ao incluir os espectadores, transmitem a ideia de que a jornada de *Parivartan* é uma experiência coletiva, desafiando noções convencionais de tempo e espaço.

Em suma, o cenário em “21:21” transcende sua função estética, tornando-se um componente vital na narrativa, um meio de comunicação simbólica e interativa que reforça a essência da peça.

Dentro desse contexto, ressaltamos a importância de Kelly Magalhães nesse processo, onde ela desempenhou um papel fundamental ao captar nossas ideias e transformá-las de conceitos abstratos para realidade concreta. Kelly não apenas traduziu nossos pensamentos para o papel, mas também buscou novos materiais e ideias para a concepção do palco, explorando as possibilidades de como esse ambiente cênico poderia funcionar.

Uma das lições mais significativas que extraímos desse trabalho foi a compreensão da importância de confiar nas habilidades específicas de cada membro da equipe. A atuação de Kelly como arquiteta e cenógrafa trouxe uma nova vida ao projeto. Podemos afirmar que a terceira atriz estava presente não apenas no ator e na atriz individualmente, mas também diluída em todo o espaço cênico cuidadosamente concebido por ela. Essa colaboração destacou a sinergia entre os elementos visuais e interpretativos, reforçando a integralidade da produção teatral como um todo.

5.2. Figurino

A abordagem de Stella Ferraz como figurinista em “21:21” revela-se intrinsecamente ligada à essência da peça, onde a conexão é um elemento central. A concepção coletiva de que os figurinos deveriam representar essa ideia de conexão resultou em uma abordagem única e surrealista, onde as roupas não apenas vestiam o ator e a atriz, mas também se entrelaçavam de forma simbólica.

A estética surrealista empregada nos figurinos transcende a mera função de vestir os personagens. Ela cria uma fusão entre os figurinos e os corpos do ator e da atriz, simbolizando a união intrínseca entre os elementos. A escolha de deixar partes das roupas incompletas, evoca visualmente o conceito de interdependência e complementaridade, reforçando a mensagem de que, mesmo nas diferenças, há uma unidade subjacente.

O uso de roupas idênticas provenientes de um baú em um dos monólogos destaca-se como um elemento poderoso de continuidade e coesão. Essa escolha reforça a ideia de que, por trás das aparentes discrepâncias, existe uma conexão invisível que une todos os elementos da

peça. Assim, os figurinos não são apenas adereços; são expressões visuais da narrativa, simbolizando a interligação fundamental que permeia todo o espetáculo.

A abordagem estética e conceitual de Stella Ferraz na criação dos figurinos contribui significativamente para a atmosfera surrealista e interconectada de “21:21”, enriquecendo a experiência visual do público e aprofundando a mensagem central da peça.

6. Considerações Finais

A experiência de apresentar “21:21” ao público foi verdadeiramente enriquecedora e reveladora. Observamos, por meio dos feedbacks recebidos, que a peça estabeleceu uma comunicação profunda, atingindo até mesmo aqueles com autismo. Esse alcance diversificado evidenciou a capacidade da obra de transcender barreiras, conectando-se com uma audiência ampla em níveis emocionais e sensoriais distintos.

O impacto multifacetado da peça foi evidenciado pelos relatos de espectadores, que destacaram como a narrativa os levou a questionamentos profundos sobre suas próprias vidas. A abordagem de temas filosóficos e a exploração de conceitos como as mônadas contribuíram para criar camadas de significado, proporcionando uma experiência que ressoou individualmente em cada espectador.

O trabalho com ideias como mônadas e conotações filosóficas não apenas enriqueceu a trama, mas também abriu portas para que a peça continuasse viva na mente do público. A proposta de explorar conceitos universais permitiu que a obra transcendesse o momento da apresentação, ecoando nas mentes e corações dos espectadores mesmo após as cortinas se fecharem.

Futuramente, esperamos que este artigo sirva como um guia inspirador para artistas e interessados na montagem de ideias teatrais. Que as reflexões compartilhadas sobre o processo criativo, a conexão com o público e a integração de conceitos filosóficos possam servir de inspiração e estímulo para novas criações e diálogos no vasto e dinâmico mundo das artes cênicas. Que as experiências vividas em “21:21” continuem a ecoar, desafiando e inspirando mentes criativas a explorar os limites da expressão teatral.

7. Referências

BABA, Sri Prem. **Parivartan: A transformação para uma nova consciência**. São Paulo: Editora Maquinaria Editorial, 2022 (1ª edição).

FONSECA, Laércio B. **O Projeto Terra**. Limeira: Lemon Tree, 2014.

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône. O que é burnout. In: **Educação: carinho e trabalho**, v. 2, n. 1, p. 237-254, 1999.

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Tradução coordenada e revista por Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007 (5ª edição).

;

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: Candido, A., Rosenfeld, A., de Almeida Prado, D., & Gomes, P. E. S. *A personagem de ficção* (pp. 51-80). São Paulo: Perspectiva. 1976.

BROOK, P. **O espaço vazio: a arte da improvisação**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Stanislavski, C. A preparação do ator. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1994.

Grotowski, J. (1978). Em direção a um teatro pobre. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011 (2ª edição).